

COMEMORAÇÕES PORTUGUESAS DE 1940

O "CARETO" DE VALVERDE,
O "CHOCALHEIRO" DE VALE DE PORCO
E AS SUAS MÁSCARAS DE PAU

COMUNICAÇÃO APRESENTADA À 3.ª SECÇÃO
DO CONGRESSO NACIONAL DE CIÊNCIAS DA POPULAÇÃO
PELO DR. J. R. DOS SANTOS JÚNIOR



PÓRTO — 1940



8)
91(469.12)(04)
AN



1898



PORTO — 1940

Do amigo e patricio Sr. Antonio Liba
com muita estima

afreco - autor

Antônio

O "careto,, de Valverde, o "chocalheiro,, de Vale de Porco e as suas máscaras de pau

O leste trasmontano possui notáveis manifestações etnográficas que fazem daquele recanto do nordeste de Portugal um relicário folclórico de especial valia.

Cumpre estudá-lo quanto antes, para registar algumas práticas que vão caíndo em desuso, velhos costumes a pouco e pouco esquecidos, danças que por proibição eclesiástica, ou por quaisquer outras razões, vão deixando de fazer-se, canções e modinhas que, pela influência niveladora das facilidades de comunicação, vão sendo aviltadas e substituídas pelas músicas de revista, jogos, representações teatrais, indústrias caseiras e tantas outras manifestações etnográficas, que, por natural evolução dos povos, estão sentenciadas a desaparecer, e perder-se-ão por completo se não fôr feito a tempo o seu registo.

Seriam muito de aconselhar missões de estudo, no género das que o Seminário de Estudos Galegos realizou a várias regiões da Galiza.

Tive a honra de tomar parte numa dessas missões que em 1934 o Seminário efectuou em Lalin. Trabalhei nas secções de Arqueologia e na de Etnografia, a primeira presidida pelo meu distinto amigo o ilustre galego D. Florentino Lopez Cuevillas, e a segunda pelo não menos ilustre galego D. Vicente Risco, e pude apreciar o notável rendimento dos trabalhos então realizados.



Nas excursões que há 15 ou 20 anos tenho feito por Trás-os-Montes, sempre que tive conhecimento de qualquer manifestação etnográfica mais curiosa, não deixei de tomar as notas respectivas, e, sempre que foi possível, fazer o seu registo fotográfico.

Na presente notícia ocupo-me de dois horrendos mascarados de duas aldeias do concelho de Mogadouro, que, envergando vestimenta própria e uma soturna e cornuda máscara de pau, saíam pela quadra do Natal, a percorrer os povoados em pedincha para a festa do Menino Jesus, desinquietando as gentes, e nomeadamente as raparigas, que andavam num reboliço.



O CARETO DE VALVERDE ⁽¹⁾

Na Quinta de S. Pedro ⁽²⁾, pela quadra do Natal, quando se ouvia o vibrante rataplão duma caixa na ladeira da Roca, era um reboiço de todos os demónios. Os rapazes em correria iam gritando:

— *Aí vem o careto! Aí vem o careto!*

⁽¹⁾ Valverde é freguesia do concelho de Mogadouro, situada na margem esquerda do rio Sabor e limitada pelas freguesias circundantes de Meirinhos, Castelo Branco e Paradela.

⁽²⁾ A Quinta de S. Pedro é uma pequenina povoação de cêrca de 30 fogos, situada na margem esquerda do rio Sabor, em têrmo da freguesia de Meirinhos e concelho de Mogadouro.

Em Trás-os-Montes o vocábulo « quinta » tem, como se vê, uma acepção diferente daquela que tem no Minho, pois designa um aglomerado populacional, pequeno povoado constituído por algumas casas, mais ou menos apinhadas à roda da capelinha respectiva. São dêste género as Quintas de S. André, dos Estevais, das Quebradas, do Soutinho, da Roca, etc., tôdas no concelho de Mogadouro.

Em Trás-os-Montes há também a designação de Quinta no sentido que tem no Minho, isto é, grande propriedade rústica com casa de habitação. Como exemplos, no mesmo concelho de Mogadouro, temos, além doutras, as Quintas de Nogueira e de Crestêlos.

— Fugi raparigas que aí vem o *diabo*.

As mulheres, e sobretudo as raparigas, em corrida célere, escapavam-se para casa a esconderem-se.

Se as portas não ofereciam resistência bastante e o esconderijo não era seguro, procuravam abrigo em casa dos vizinhos.

Um pouco antes do *careto* chegar à quinta, ao assomar à «portelinha», as baquetas de novo zurziam a pele bem retesada da caixa. Rataplão, rataplão, rataplão...

Era o último aviso às mulheres e às raparigas de — *salve-se quem puder*.

Alguma mais retardatária, esbaforida, enfiava-se na primeira casa de pessoa amiga ou parente.

Agarrados às saias das mães os filhos pequenos, aterrados, nem se mexiam ⁽¹⁾, não fôsse o menor ruído dar senha ao *diabo* que, em grande algazarra, aos hurros e com forte gritaria, acabava de entrar no povo ao fundo da rua.

¿Mas por quê tanto alvoroço?

¿Qual a razão que levava as raparigas a escapulirem-se, e a fecharem-se a sete chaves nos quartos mais esconsos da casa?

É que o *careto* era atrevido.

O menos que fazia à rapariga que conseguia agarrar era dar-lhe um par de abraços bem arrochados, e fazer menção de a beijar com a horrenda máscara de pau que lhe cobria a face.

(1) *A Festa dos Rapazes* é outro velho uso levado a efeito pelos moços solteiros de muitas aldeias do concelho de Bragança, os quais levam a cara tapada com máscaras de latão ou de casca de árvore e muitas vezes simulam figuras de bois e de bodes. O ilustre Abade de Baçal, P.^o Francisco Manuel Alves, nas *Memórias Arqueológico-Históricas do Distrito de Bragança*, vol. ix, Pôrto, 1394, ao fazer a descrição da *Festa dos Rapazes*, diz a pág. 289: «metem-se pelas casas, aterrando os rapazes pequenos, aos quais fazem mil diabruras, obrigando-os a ajoelhar, a pedir-lhes perdão, a bênção e a persignar-se, espancando-os com bexigas de porco cheias de ar, que fazem grande ruído e nada magoam».

Sobre *A Festa dos Rapazes*, ver trabalho do mesmo A. na «*Ilustração Trasmontana*», 3.^o Ano, Pôrto, 1910, págs. 178 e segs.

Mas o careto podia ir mais além nas suas manifestações de arrimo às cachopas, sobretudo quando elas, ao fugir, faziam mais gritaria como quem diz:

É para aqui que eu fujo. Eu vou aqui. Eu vou aqui.

Então se uma dessas raparigas era agarrada, ou melhor, se se deixava agarrar, o careto a par dos abraços não se exímia de dar uns beliscões à mistura e não deixava de lhe apalpar atrevidamente pelo menos os braços roliços.

Algumas, mesmo sem querer, quantas vezes mostravam a fralda, pois o careto podia levantar as saias às raparigas, que se defendiam como podiam, sem que se considerassem ofendidas, embora não gostassem da brincadeira, e sem que o mascarado incorresse em falta grave, pela qual lhe pudessem tirar satisfações ⁽¹⁾.

O careto decididamente que não vinha a S. Pedro só para encurralar as raparigas e dar um ou outro abraço nas mais desprecatadas.

O seu fim era outro.

O careto vinha mascarado de diabo ⁽²⁾ pedir esmola para o Menino Jesus.

⁽¹⁾ A propósito parece-me interessante referir um extravagante costume trasmontano que existe nas povoações de Castrelos e de Portela, ambas no concelho de Bragança.

O erudito Abade de Baçal, P.^o Francisco Manuel Alves, na sua obra monumental *Memórias Arqueológico-Históricas do Distrito de Bragança*, cit., descreve assim esse curioso costume a págs. 242 do vol. IX: « Na última noite do ano os homens entram pelas casas adentro dos vizinhos, arrombando portas e janelas, se fôr preciso, para dar três nalgadas com a mão ou chinela nas nalgas das mulheres, mesmo que estejam deitadas na cama, a fim de andarem espertas todo o ano, dizem elles ».

⁽²⁾ Com o nome de *Diabo* ou *Morte* é designado um outro mascarado que em Bragança e Vinhais costuma sair em quarta-feira de cinza.

O P.^o Francisco Manuel Alves, no IX vol. das suas *Mem. Arq. Hist.*, cit., a págs. 300 e 301 descreve assim a extravagante figura da *Morte*, sem contudo indicar se a máscara é feita de pau ou de papelão: « ...vestida de casaco e calças de lona oleada, máscara na cara, carapuço na cabeça, tudo pintalgado grotescamente, empunhando um gadanho, e um

Por isso, acompanhado pelos mórdomos do Menino, que eram quem guardava as esmolas, ia de porta em porta batendo com uma grande moca. Truz-truz-truz!

E engrossando a voz de modo a não se dar a conhecer:

— Esmola pr'ó Menino Jesus!

E logo a seguir num tom ao mesmo tempo chocarreiro e assanhado pedia para si, nestes têrmos:

— Mas também quero p'ró *diabo*.

O *careto* era pois o *diabo*. A sua esmola guardava-a num saco que trazia às costas à maneira do sarrão dos pastores.

As esmolas para o Menino eram guardadas pelos mordomos, que para êsse fim acompanhavam o *careto*.

E todos davam a esmola. Uma ou duas chouriças, ou figos, ou amêndoas, ou pão ⁽¹⁾, cebolas, batatas, maçãs, laranjas, etc. Outros davam dinheiro ou qualquer das referidas coisas e dinheiro também.

O *careto*, apesar das suas largas prerrogativas, não pegava em nada que pudesse furtar, nem obrigava ninguém a dar isto ou

chicote para vergastar o rapazio que em chusma a moteja, gritando ensurdecedoramente após ela: *ó Morte, ó lagão; ão, ão* ».

Este costume, segundo Adolfo Coelho, citado pelo A. (*A tradição*, vol. 1, pág. 33 e 38) « relaciona-se com a liturgia mítica de expulsar o inverno representado pela Morte ».

Porém, segundo a opinião do erudito Abade de Baçal (baseado em Nieupoort, *Rituum*, etc., pág. 348; e em Moreri, *El Gran Dicionario*, artigo « Fiestas »), aquela velha costumeira trasmontana « deve filiar-se nas festas Lupercais, celebradas pelos sacerdotes de Pan a 15 de Fevereiro, que despidos, tapando apenas as partes genitais com uma tira de pele caprina, recentemente imolada, e tinta de sangue, percorriam as ruas, batendo com um chicote em quantos encontravam, principalmente nas mulheres que julgavam fecundar com estas pancadas ».

(¹) Pão aqui é empregado na acepção de centeio em grão. Em muitas regiões de Trás-os-Montes ouve-se a cada passo:

— Aquela terra paga de renda 50 alqueires de pão.

— Vou-me até ao moinho moer 5 alqueires de pão.

Nestas e noutras frases semelhantes o vocábulo pão refere-se ao centeio em grão. Qualquer dos outros cereais igualmente panificáveis nunca é assim designado.

aquilo ⁽¹⁾. Cada um dava o que tinha na devoção e todos davam de bom grado.

Às vezes chegava às portas e pedia licença para entrar.

— Dá licença pr'ó *diabo*?

— Que é que tu queres?

— Quero esmola pr'ó Menino de Deus, mas também quero para mim. E insistia no pedido:

— Pode-se entrar?

— Entras, mas é se tirares a máscara.

As mais das vezes tirava a máscara e sempre comia um *môrdo* e bebia a sua pinga. Noutras casas entrava mesmo com a máscara, mas nunca sem pedir licença.

E o meu informador que várias vezes tinha andado de *careto*, rematou:

— Era tudo uma brincadeira.



Isto passava-se em S. Pedro, uma das «quintas» da freguesia de Meirinhos (concelho de Mogadouro), mas nas outras partes era na mesma.

Embora na freguesia de Meirinhos também noutros tempos saísse o *careto*, não era êste, mas sim o da vizinha freguesia de Valverde que vinha a S. Pedro. Ia também ao Soutinho, Roca e Santo André, três pequeninos povoados ou «quintas» que ficam no têrmo daquela última freguesia.

(¹) Um outro mascarado, também do concelho de Mogadouro, conhecido pelo nome de *mascarão*, que saía, e julgo que ainda hoje sai, em Vilarinho dos Galegos, na quadra do Natal, como esmolante do Menino Jesus, entra nas casas, que os moradores muitas vezes abandonam para se libertarem da impertinência do pedinchão, e leva, isto é rouba, aquilo que muito bem lhe parece; em geral, chouriças, salpicões ou fruta, que revertem depois a favor da festa do Deus Menino.

Do dia 20 de Dezembro até ao dia de Reis, o careto de Valverde podia ir esmolar às povoações referidas. As saídas certas eram na véspera e no dia de Natal, no dia de Ano Novo e no dia de Reis.

Fora disso (isto é, das saídas certas, e nunca antes de 20 de Dezembro ou depois dos Reis), aos domingos, era quâsi certo vê-lo em grande animação andar atrás das moças em Valverde, a pedir esmola para o Menino de Deus, e a desinquietar tôda a gente da casa com os assaltos que inesperadamente fazia.

— E as raparigas gostavam da brincadeira? perguntei.

— Bô! se gostavam. E ao mesmo tempo o meu informador sorria maliciosamente e dava *truços* ⁽¹⁾ com a mão direita.

Vejamos agora como o meu interlocutor me descreveu a indumentária e a máscara do careto de Valverde que já não sai há mais de 20 anos.

O careto *vestia* um fato inteiriço, semelhante aos chamados fatos de macaco que usam os mecânicos. A *farda*, assim se chamava ao fato, era feita de lona ou serapilheira e pintalgado de amarelo e vermelho — *assim a modo de salamandra* (sic).

As calças eram largas, com franja vermelha no fundo da perneira. As mangas eram também largas e igualmente bordadas com franjas. Nas ombreiras havia uma espécie de dragonas, como as dos oficiais, também das mesmas franjas vermelhas.

Outra franja da mesma côr, a tôda a roda da cinta, fingia aba de casaco.

A farda terminava em cima por um capuz que rematava justo

(1) Dar *truços* chamam em S. Pedro ao estralejado que se obtém ao premir com fôrça o dedo médio contra a polpa do polegar, de forma que aquêlê dedo venha saltar contra o anular, flectido contra o presuntinho da mão e encostado ao mínimo também em flexão sôbre a palma da mão ligeiramente enconchada.

Ê o mesmo estralejar com que se acompanha o ritmo de muitas danças populares, e que em Barcelos chamam *traquejar*, em Rezende dar *castanhetas*, e em Lamego *bater castanholas*.

a tôda a roda da máscara. Esta, por sua vez, ia bem prêsa à cabeça por correias ou cordões.

O *careto* levava na mão uma grande moca com que fazia menção de bater a torto e a direito nos rapazes e nas raparigas. Quando o rapazio na surriada que fazia ao *careto*, o insultava mais àsperamente, aí lhe ia a moca arremessada às pernas. Apanhasse ou não com ela, ninguém lhe deitava a mão.

A máscara, tôda de pau, tinha fama entre as congêneres pela sua fealdade.

Apresentava dois grandes chifres, como os de carneiro, feitos na própria madeira, e uma serpente enroscada nos mesmos. Era pintada de negro, soturna, com a língua pintada de vermelho saída por entre os dentes arreganhados, feitos de vidro. O nariz era enorme e muito feio. Os olhos eram grandes e tinham vidros por dentro.

E o meu informador que bem conhecera a máscara por também a ter trazido algumas vezes, acrescentava:

— Era uma coisa bestial de feia.

E aludindo ao grande pêso da mesma:

— O que andasse um pedaço naquele serviço aquecia assim deveras.

Por isso, durante o dia, os rapazes revezavam-se, vestindo a farda ora uns ora outros.

Com o *careto*, ao menos em Valverde, saía sempre a *velha*, homem vestido de mulher, tapado com um chale, cesta enfiada no braço e a cara coberta por uma máscara de pele de «canhõna» com a lã p'ra dentro.

— O diabo não podia pôr pé na rua sem a caixa tocar.

Assim me contaram, no Natal de 1934, à lareira, como era o *careto* de Valverde que há pelo menos 21 anos deixou de sair na sua volta precatória pelo povo, e pelas «quintinhas» situadas em tórno daquela aldeia do concelho de Mogadouro.

O CHOCALHEIRO DE VALE DE PORCO

Na altura em que na Quinta de S. Pedro me contaram o que atrás fica sôbre o careto de Valverde, soube que em Vale de Porco existia ainda a velha costumeira de um homem mascarado com careta de pau sair a pedir esmola para o Menino Jesus. Logo decidi ir averiguar o que havia, embora isso me custasse uma jornada de 6 ou 7 horas a cavalo, o que fiz de bom grado.

Vale de Porco ⁽¹⁾ fica em têrmo do concelho de Mogadouro a 5 ou 6 quilómetros a sudeste da vila, e tem à roda as povoações de Zava, Figueira, Castelo Branco, Quinta das Quebradas e Vilar do Rei.

É uma aldeia airosa e lavada dos ventos que sopram agrestes naqueles cimos do planalto de Mogadouro.

As atribuições e regalias do mascarado que vi em Vale de Porco e tem os nomes de *velho* ou *chocalheiro*, são idênticas às já apontadas para o careto de Valverde.

A indumentária de *velho* é, nas suas linhas gerais, a mesma da daquele.

Tem, porém, a mais o uso dum cinto com uma enfiada de chocalhos de todos os tamanhos (fig. 1 e 2), que o mascarado faz rugir fortemente nas corridas e saltos que dá, o que lhe valeu a designação de *chocalheiro*.

O fato do *velho* ou *chocalheiro* de Vale de Porco está bas-

(¹) Os habitantes de Vale de Porco não gostam do nome da terra, e, ao que me informaram, pretenderam até crismá-la com nova designação. Parece que chegou a ser proposto o nome de Vale Bemfeito em substituição do actual.

A povoação de Vilarinho dos Galegos também esteve para mudar de nome, tendo os seus habitantes proposto para substituição do nome actual os de Vilarinho da Pôça, Vilarinho da Serra ou Vilarinho do Douro.

tante rôto, como pode ver-se pelas fotografias que tirei (figs. 1, 2, 3 e 4). É que, mesmo ali, já o costume estava em via de desaparecimento, e assim, tudo o que dizia respeito à máscara e indumentária bastante desprezado.

A máscara que vi e que fotografei, não era nada em relação às de outro tempo.

— Essas sim, é que eram feias.

— A actual foi mesmo obra dum rapazote de 14 ou 15 anos.

— Nem farda em termos nem moca em condições.

Estas lamentações ouvi-as a uns homens, já de certa idade, que recordavam com saúde o rigorismo com que no seu tempo de rapazes era seguida a prática desta velha costumeira.

O pau que o *chocalheiro* empunha (fig. 1 a 4) é uma moca improvisada para que o mascarado figurasse com todos os seus pertences. Foi um estadulho, tirado da primeira rima de lenha, que serviu, à falta de melhor.

A máscara, como bem mostram as fotografias que tirei, tem feio aspecto e o seu quê de diabólico (fig. 3). Uns olhos vasados pequeninos, logo por baixo de dois chifres ponteagudos e atirados para diante na horisontal. O nariz comprido e proeminente. A bôca talhada em ar escarninho com os dentes marcados por entalhes serrilhados. Língua entremostrada e pintada de vermelho. Uma estriga de linho prêsa no queixo dá-lhe um ar barbado em pêra de bode. Dos lados, dois pedaços de cortiça pregados ao nível dos olhos constituem uma grosseira tentativa de representação das orelhas.

A máscara era pintada de vermelho e prêto. As faces e o nariz de vermelho rosado. Um traço da mesma côr, como pode ver-se especialmente na fig. 3, prolonga-se desde a base do nariz pela fronte até ao alto. O resto todo pintado de negro, à excepção da língua que, como se disse, estava também pintada de vermelho.



Fig. 1 — O chocalheiro de Vale de Porco



Fig. 2 — O chocalheiro de Vale de Porco



Fig. 3 — O chocalheiro de Vale de Porco

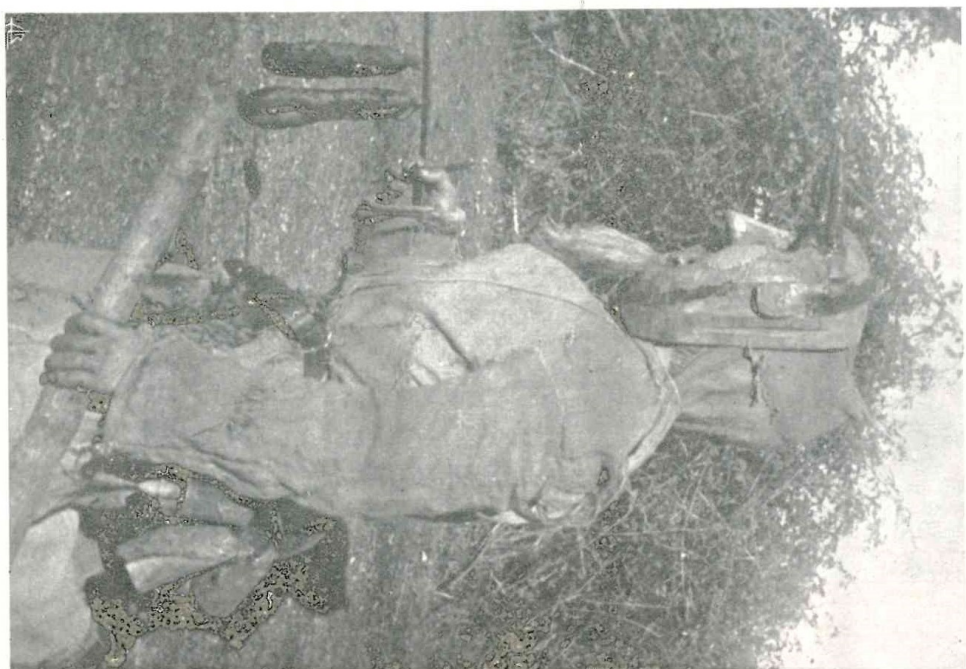


Fig. 4 — O chocalheiro de Vale de Porco



Fig. 5 — Máscara de chocalheiro



Fig. 6 — Máscara de chocalheiro

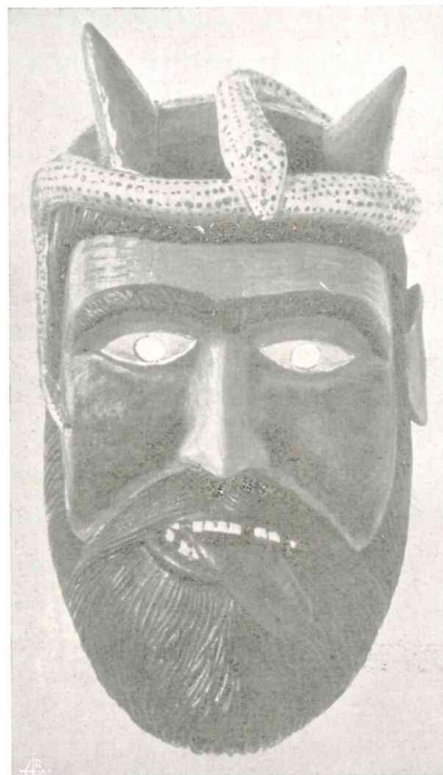


Fig. 7 — Máscara de chocalheiro

Como as figuras bem mostram, o *chocalheiro* empunha na mão direita um espêto, tendo enfiadas duas chouriças e na ponta uma laranja, para evitar a queda fácil daquelas.

O *chocalheiro* de Vale de Porco, que naquele ano de 1934 não saiu, e não saía há já uns 3 ou 4 anos, estendia a sua missão precatória e galhofeira à vizinha aldeia de Vilar do Rei.

★

Nas figuras 5, 6 e 7, reproduzem-se duas máscaras de *chocalheiro*. A primeira que é uma reprodução da do *chocalheiro* de Vale de Porco foi-me oferecida pela Sr.^a D. Felicidade Mamede Martins, professora oficial em Vale de Porco e a segunda pelo Sr. Ernesto Salgado, de Meirinhos. Ambas estão no Museu Antropológico da Universidade do Pôrto, de cuja secção etnográfica fazem parte.

Nenhuma destas máscaras serviu. Foram mandadas fazer expressamente pelos ofertantes, para me serem oferecidas. Por isso aqui lhes testemunho o meu agradecimento.

O Sr. Ernesto Salgado foi, além disso, o meu amável companheiro na fria manhã de Janeiro de 1934 em que fui a Vale de Porco.

As fotografias dispensam uma descrição minuciosa.

A máscara da fig. 5 e 6 é feita de choupo e pesa 2kg,190. É pintada de preto e vermelho.

Os cornos ponteagudos implantados aos lados da fronte são compridos e um tanto divergentes. Olhos pequenos talhados em amêndoa. Nariz enorme. Dentes muito patentes na bôca vasada onde se vê um pedaço de madeira fixado à arcada dentária inferior, simulando uma língua entremostrada. No mesmo pau da máscara deixaram por baixo do queixo uma expansão em barbelas que, arregoada, representa barba abundante. As sobrance-

lhas estão também marcadas por uma série de pequenos sulcos abertos à navalha nas saliências supra-orbitárias. Nas faces há também um arregoadado dirigido de cima para baixo e de trás para diante que possivelmente pretende representar as rugas próprias dos velhos. A serpente, partindo da comissura labial esquerda, estende-se para cima pela face esquerda e pousa a cabeça no alto da testa como quem espreita.

A máscara da fig. 7 é obra dum carpinteiro que quis fazer trabalho aprimorado e falseou o carácter medonho e horrendo que sempre tinham as máscaras do *chocalheiro*. Tanto mais notáveis eram quanto maior era a sua fealdade.

Esta máscara é também de choupo e pesa 1kg,850. Também nunca serviu, e seria mesmo de uso difícil, porque nem sequer tem a bôca vasada, o que tornaria a respiração custosa, pois como é sabido o bordo da máscara é rematado pelo capuz da farda, de forma a que nem sequer se veja o cabelo do homem que faz de *chocalheiro*.

Apesar de melhor acabada, com mais pormenores anatómicos e pintada com certo cuidado, esta máscara não tem o interesse etnográfico da precedente.

★

Em 1934 ainda havia *chocalheiro* ou mascarado semelhante em Tó, Bemposta, Urrós, Bruçó e Sanhoanhe, tudo povoações do concelho de Mogadouro.

Que eu saiba, noutros tempos houve-o também em Meirinhos, Castelo Branco, Valverde e Quintas das Quebradas (também povoações do concelho de Mogadouro), e no concelho de Freixo de Espada-à-Cinta em Fornos e Lagoaça ⁽¹⁾.

⁽¹⁾ A mais antiga referência ao *chocalheiro* que conheço, é a de José Manuel Martins Pereira que em *As terras de Entre Sabor e Douro*, Setúbal, 1908, pág. 330, diz : « Esta

José M. M. Pereira, em *As Terras de Entre Sabor e Douro*, cit., a pág. 329-330 descreve assim a festa tradicional do *chocalheiro*:

«Depois do almôço sai o mordomo do Menino Deus a tirar esmola pela freguesia, acompanhado pelo *chocalheiro* que às vezes é turbulento a valer, principalmente quando as raparigas lhe mostram laranjas ou maçãs. É emfim um verdadeiro dia de folia até à noite. O *chocalheiro* é um homem mascarado, cujo vestido costuma ser feito de estôpa grossa tinta de escuro e com um feitio muito exquísito. A máscara ou carocha, como aqui se lhe chama, é feita de madeira pintada de preto e de um feitio horrendo; o homem depois de mascarado figura o demónio, no dizer do povo, e para completar o seu aspecto sinistro cinge à cintura um grande chocalho e anda sempre munido duma grande moca, com a qual, a modo de graça, às vezes vai dando naqueles que se aproximam, o que dá lugar a grandes correrias e a todos fugirem na sua frente. E assim se passa o dia de Natal, sempre em folia, até à tarde, que é quando terminam as corridas do *chocalheiro*.»

Em Bemposta chamam-lhe *farandulo*. Em Fornos chamavam-lhe *zangarrão*.

A área de dispersão do *chocalheiro* tem-se reduzido cada vez mais, e agora que os padres proíbem sistematicamente a saída de tal mascarado, embora em peditório para o Deus-Menino, não é difícil prever a extinção pura e simples, e a curto prazo, desta velha costumeira.

velha usança, cuja origem e antiguidade se ignoram, conserva-se ainda hoje em muitas freguesias e aldeias do concelho de Mogadouro, nomeadamente nas Quintas das Quebradas, Castelo Branco, Vale de Porco, Bruçó, Vilarinho dos Galegos e Vila de Sinos, e em algumas do concelho de Freixo de Espada-à-Cinta ».

Parece que em Sendim de Miranda e Malhadas também existiu em tempos o costume do *chocalheiro* (Informação do Sr. Artur Alberto Rodrigues, de Vilarinho dos Galegos — Mogadouro).

Há ainda outras razões que teem concorrido para o seu declínio, embora qualquer delas não deva ter influído tão grandemente como o veto eclesiástico que há uns anos lhe é lançado pelos párocos de cada uma das freguesias ou aldeias onde era costume andar o *chocalheiro*.

Assim, por exemplo, conta-se que em Valverde um rapaz andou metido na farda do *careto*, e quando saíu logo adoeceu para morrer daí a dias.

O espírito supersticioso do povo não tentou descortinar no facto uma razão natural, uma vulgar pneumonia, resultante dum resfriado subsequente a uma suadela mestra, como na verdade parece ter sucedido, mas, imediatamente, aterrado com a idéia de que o *careto* representa o diabo, viu na morte do pobre moço uma acção vingadora, misteriosa e sobrenatural.

Na Quinta de S. Pedro ouvi afirmar, que quem morrer dentro daquela farda não se salva ⁽¹⁾.

Em Meirinhos, diz-se que um homem ao ver o *chocalheiro* numa noite de luar, num olival do povo, morreu de susto. Esta desgraça impressionou de tal modo que não mais voltou a sair aquêlê mascarado.

Outra versão diz que o rapaz que andava vestido de *chocalheiro* numa noite de luar, ao ver a sua sombra horrenda, cornuda e sinistra, morreu de pasmo.

Conta-se também, que, em Valverde, certo indivíduo julgando que a farda era vestida por um seu inimigo, encheu de facadas

⁽¹⁾ Em Vilarinho dos Galegos (concelho de Magodouro) havia um mascarado conhecido pelo nome de *maskarão*, diferente do *chocalheiro*, mas como êle pedindo para o Menino Jesus.

Havia ali a superstição de que a pessoa que morresse nos dias em que saísse o *maskarão*, ia para o inferno. Outras razões que concorreram para acabar com êste velho costume, informou-me pessoa de Vilarinho, foi o grande mêdo que as crianças lhe tomaram e ainda o ser tido como pecado o vestir-se alguém de *maskarão*.

o *careto*, que morreu vítima do atentado. Afinal o morto não era quem o assassino imaginava mas sim um seu primo e amigo.

Em contraste flagrante está o que há já muitos anos se passou na Quinta de S. Pedro numa das vezes que ali foi o *careto*.

Uma mulher deu uma punhada no mascarado que atrevidamente lhe pedia um beijo ao postigo, e com tal gana lha deu que logo lhe fêz espirrar o sangue do nariz. A própria mulher lhe deu depois água e uma toalha para o rapaz se limpar. Os guardas do *careto*, ou seja os mordomos do Menino, disseram-lhe que — «nem ela sabia o crime que tinha bater num homem metido dentro daquela farda». Dessa vez tudo acabou em bem.

O mascarado que, como vimos, tinha prerrogativas especiais, podendo atirar com a moca a quem quer, sem que ninguém lhe pudesse ripostar, nem sequer apanhar a moca e fugir-lhe com ela, aproveitando a imunidade e privilégios de que gozava, exercia por vezes a sua vingancazinha batendo um pouco mais de rijo num ou noutro com quem andava de rixa. Isto era contudo pouco freqüente, pois os mordomos tinham certo cuidado na escolha daquele que ia fazer de *careto* ou *chocalheiro*.



O *chocalheiro* é, sem dúvida, um mascarado de origem remota, apresentando estreitas relações com o *careto* e com outros mascarados mais ou menos semelhantes doutras terras da província de Trás-os-Montes, bem como da Galiza e das Astúrias na vizinha Espanha.

Em Trás-os-Montes além dos dois que constituem o tema fundamental dêste trabalho, temos ainda o *farandulo* em Bemposta, o *zangarrão* em Fornos, o *mascarão* e a *mascarinha* em Vilarinho dos Galegos, o *diabo ou morte* em Bragança e ainda «as máscaras de latão e de casca de árvore simulando muitas vezes figuras

de bois e de bodes» que aparecem na *Festa dos Rapazes* que se costumava fazer em muitas aldeias do concelho de Bragança, tais como Baçal, Sacoias, Vale-de-Lamas, França, Varge, Avela e outras.

Na Galiza ⁽¹⁾ há os *borraleiros, choqueiros, cocas, charrúas, cigarróns, felos, irrios, lanceiros, madamitas, maragatos, mura-danas, murrieiros, troteiros e vellos*, máscaras próprias do Entrudo e duma ou outro festa religiosa, e das quais abordaremos, por agora ⁽²⁾, apenas o *cigarrón*.

Graças ao belo trabalho cit. do distinto etnógrafo e arqueólogo galego Bouza Brey, que estudou dum modo especial êste mascarado, podemos fazer dêle a seguinte descrição:

O *cigarrón* veste uma indumentária rica, com várias peças de sêda, em que sobressaem uns calções de lã enfeitados por 4 ou 5 fiadas de franjas ou frocos, e uma faixa vermelha; esconde a face numa máscara de pau policrômica e leva na cabeça um chapéu com seu quê de mitra.

Êste mascarado da Galiza, tem grandes afinidades com o *chocalheiro* e o *careto* trasmontanos estudados, e até uma afinidade filológica ⁽³⁾ com o *zangarrão*, *chocalheiro* que costu-

⁽¹⁾ BOUZA-BREY — *Máscaras Galegas de origem prè-histórica*, in «Homenagem a Martins Sarmiento», Guimarães, 1933, pág. 73 a 82.

⁽²⁾ Em 22 de Junho de 1935 fiz uma comunicação à Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia intitulada *O chocalheiro de Vale de Porco*. Nessa comunicação e em capítulo especial, abordava o estudo comparado das máscaras trasmontanas e galegas e asturienses. Só depois de ir ver o *farandulo* de Bemposta e o *mascerão* de Vilarinho dos Galegos e de os fotografar, poderei ultimar um trabalho que tenho em elaboração e que intituloarei «Máscaras trasmontanas de origem arcaica».

⁽³⁾ A palavra *cigarrón* e as suas 9 variantes espanholas (Vd. Bouza-Brey, *Masc. galegas de orig. pre-hist.*, cit., pág. 78) dentre as quais cito apenas *xafarrón, zafarrón* e *zangarrón*, provêm, segundo os modernos etimologistas e nomeadamente Menendez Pidal, «del árabe *çahrón*, intensivo de *çohra*, homo ridiculos qui ludibria habetur, voz de cuyo derivado *maçhara*, proviene también la voz *máscara*».

Para o caso especial da variante galega *cigarrón*, pensaram alguns autores no insecto «cigarra»; mas segundo D. Manuel Fuentes, de Verin, seguido por Vicente Risco e por

mava sair em Fornos, no concelho trasmontano de Freixo de Espada-à-Cinta.

Qual é a origem das máscaras trasmontanas que descrevemos e das suas similares galegas ou das Astúrias a que fizemos referência?

Vários autores se teem ocupado dêste assunto, e todos ou quâsi todos concordam em atribuir-lhe uma origem muito remota, de raízes francamente pre-históricas. Por forçado remate desta comunicação que já vai longa em demasia, não posso alargar-me em mais considerações, que noutra oportunidade espero fazer quando, depois de ver algumas outras máscaras trasmontanas de que tive conhecimento, puder fazer o estudo comparado das máscaras de Trás-os-Montes com as suas similares espanholas e especialmente da Galiza.

Os romanos celebravam um certo número de festas que pelo seu carácter ou pela data em que eram realizadas concordam, mais ou menos, com os velhos usos trasmontanos de que vimos falando.

Assim as Juvenais eram festas «celebradas pela gente moça no dia 24 de Dezembro com lauto bródio e patuscada, além de que no dia 21 do mesmo mês também se sacrificava a Vénus, cujos cultos muito tiveram sempre de brincalhões» ⁽¹⁾.

Nas Lupercais, festas em que tomavam parte os sacerdotes de Pan e a que já atrás me referi, nas Bacanaís, festas celebradas

Bouza-Brey, os *cigarróns* seriam «procedentes das antigas costumes das tribus Cigurros ou Gigurros que deron seu nome a pobos galegos tais como Cigarrosa em Val-de-Orras».

Bouza-Brey a pág. 79 do seu cit. trabalho, escreve: «Pra enlace de tan sugestivas custións, pode resultar curiosa a pasage de Frei Martiño Sarmento, o grorioso galego do sec. XVIII, cando dí: «En Valdeorras, en Galicia, junto al puente que llaman Cigarrosa pero mal, pues se debe llamar Cigurrosa: *Cigurrosa no de cigarra, sinó de los pueblos Cigurros que Plinio pone en este pais*».

⁽¹⁾ P.^o FRANCISCO MANUEL ALVES (Abade de Baçal), *Mem. Arq.-Hist. do Dist. de Bragança*, cit., t. IX, pág. 287.

em honra de Baco, e ainda noutras festas pagãs que os romanos costumavam realizar, podemos encontrar, se não uma inteira correspondência, um ou outro ponto de nítida semelhança, um ou outro atributo de manifesta continuidade em certos costumes trasmontanos, e entre êles em alguns dos mascarados de que vimos tratando.

De resto era natural que os romanos tendo exercido uma larga preponderância política, social e cultural em tãda a península ibérica, de que nos restam tantos e tão patentes vestígios, tivessem exercido também uma forte influência espiritual, como de facto exerceram, impondo, em maior ou menor grau, a veneração dos seus deuses e as práticas do seu culto.

Do mesmo modo que a Igreja, inteligentemente cristianizou as orgias pagãs, de que é exemplo flagrante o *chocalheiro* a pedir esmola para o Menino Jesus, e tantos outros poderíamos citar, é de crer que os romanos, hãbilmente, tivessem enxertado as suas práticas religiosas em primitivos costumes indígenas que cumpria não expurgar radicalmente, de molde a evitar a revolta que um sectarismo obstinado e selvagem tornaria inevitãvel.

Ê lícito atribuir ao *chocalheiro* e suas modalidades trasmontanas uma forte influência pagã.

Que o *chocalheiro* tenha um fundo primitivo, autóctone, indígena, pre-romano, mesmo pre-histórico, é presumível. Não repugna acreditar que assim seja, pois em numerosas cavernas pre-históricas do sul da França e da Espanha, aparecem pintadas ou gravadas figuras antropomorfas com cabeças de animais, de que é um belo exemplo o feiticeiro da gruta de Trois Frères estudado pelo Conde Bégouen. Essas representações são justamente interpretadas como mascarados, que, do mesmo modo que se observa ainda hoje em certas populações indígenas da África e da Oceãnia, teriam um sentido mágico de feitiçaria, totémico ou de ordem puramente ritual.

Êsses mascarados pre-históricos, alguns dêles mesmo paleolíticos teriam sido, quem sabe, os antecessores do actual *chocalheiro* e das outras máscaras trasmontanas, galegas e asturienses do mesmo género.

Qual seria o significado primitivo e essencial do *careto* e do *chocalheiro*?

Significação totémica?

Cerimónia de carácter feiticista?

Magia necrolátrica?

Magia de caça?

Máscara atribuível a sociedades secretas primitivas?

Rito em relação com o culto fálico?

Difícil é responder com segurança.

As estranhas prerrogativas de que gozam aquêles mascarados levariam a relacioná-los com o primitivo culto fálico, culto que, em épocas remotas, teve, seguramente, uma larguíssima difusão, tantos e tão freqüentes são os seus vestígios em muitos dos usos e costumes populares actuais. Mas, se o estabelecimento dessa relação me não parece ousado, e se ao meu espírito se afigura lógico, os elementos de que até agora disponho não me permitem alicerçar esta hipótese em grande cópia de argumentos comprovativos.

Por isso, e em última análise, limitar-me-ei a dizer que o *careto* e o *chocalheiro*, bem como as suas modalidades trasmontanas, são máscaras rituais, que existindo possivelmente na população indígena pre-romana foram depois romanizadas e mais tarde cristianizadas.

*Extracto das Actas do Congresso Nacional
de Ciências da População — vol. II*

IMPrensa PORTUGUESA

108, Rua Formosa, 116—Pôrto

Etnoglossa

biblioteca
municipal
barcelos



9626

O "careto" de Vilaverde, o
"choçalheiro" de Vale d